



## **Entre o Reforço da Tradição e a Revelação de Novas Perspectivas Artísticas: Um Estudo Sobre o Jornalismo Cultural e o Suplemento Literário Sabático<sup>1</sup>**

Karla Beraldo de SOUZA<sup>2</sup>  
Mauro de Souza VENTURA<sup>3</sup>  
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

### **RESUMO**

Sendo o jornalismo umas das instituições responsáveis pela configuração de valor no sistema de arte e cultura, a este artigo interessa saber de que forma a atividade de tornar algo noticiável relaciona-se com a produção artística. E ainda se, essa mesma relação, tende a reforçar a tradição ou revelar novas perspectivas artísticas. Para tanto, toma por base as reflexões de Pierre Bourdieu a cerca das posições ocupadas pelos agentes no interior dos campos de produção, reprodução, consagração e difusão de bens simbólicos, e as aplica à 10 exemplares do suplemento literário *Sabático*, do jornal *O Estado de S. Paulo*.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo cultural; teoria dos campos; suplemento literário.

### **Introdução**

Vista sob a perspectiva do que se convencionou chamar de pós-modernidade, a produção artística, a partir dos anos 1950, pode ser definida como uma reação ao alto-modernismo. Caracterizadas não mais por sua capacidade de representar o real, as obras passam a ser marcadas pelo pastiche e pela perda gradual da inovação. No tempo em que a cultura espalha-se por todo tecido social e inexiste a separação entre alta e baixa cultura (de massa), vive-se o dilema estético da falta de clareza sobre a função da arte e sobre os critérios para sua valorização.

Paralelamente, presenciam-se transformações que se instauram nas relações entre a produção da arte e seu público, mudanças essas engendradas, principalmente, pela consolidação da indústria cultural. É também neste momento que se evidencia o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social e mestranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), email: [ka\\_beraldo@yahoo.com.br](mailto:ka_beraldo@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Doutor em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo (USP) e professor do programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), email: [mauroventura@faac.unesp.br](mailto:mauroventura@faac.unesp.br).



aspecto da arte como instituição, na qual um grupo de pessoas especializadas seria responsável por definir, qualificar e legitimar sua produção.

A arte vista sob a perspectiva institucional e a própria lógica de funcionamento do campo cultural – embora livre das amarras da aristocracia e da Igreja - desvendaram, por sua vez, a ligação dos artistas com o mercado e sua subordinação a ele.

A ruptura dos vínculos de dependência em relação a um patrão ou a um mecenas e, de modo geral, em relação às encomendas diretas (...) propicia ao escritor e ao artista uma liberdade que logo se lhes revela formal, sendo apenas a condição de sua submissão às leis do mercado de bens simbólicos (...) (BOURDIEU, 2007, p. 104).

Sujeitos às demandas econômicas e sociais, artistas e “legitimadores” da arte revelam que a disputa pela consagração tem como verdadeira natureza uma busca por legitimidade social e não, necessariamente, estética. Os artistas acabam por perceber a fragilidade de sua autonomia e poder simbólico devido ao “avanço dos poderes estatais, à industrialização da criatividade e à massificação dos públicos” (CANCLINI, 2000, p. 107). Como consequência, têm seu poder de valorização da produção artística relativizado e substituído pelo do mercado.

Os artistas se situam para situar sua obra e, ao fazê-lo, permanecem cegos diante da verdade de suas práticas. Quando falam de arte, também estão falando de competição; quando parecem mais obcecados pela busca de uma forma, mantêm outro olho ligado no mercado e no público. (SARLO, 2004, p. 143).

Sobre a submissão da produção artística às demandas do mercado, Travancas (2001) completa:

Hoje estamos vivendo sob o poder dos meios de comunicação de massa e os escritores, como outras categorias, têm consciência da importância da divulgação de suas obras e se transformaram em exibidores de si e de seus textos. É como se os critérios em relação às obras literárias tivessem mudado. (TRAVANCAS, 2001, p. 82)



Com base nas reflexões de Sarlo (2004), a modernidade teria combinado o ideal pedagógico - “o gosto das majorias deve ser educado, uma vez que não há espontaneidade que assegure o juízo em matérias estéticas” - com a consolidação definitiva de um mercado de bens simbólicos. Assim, é a partir de seus valores, prioritariamente quantitativos, que a arte e a cultura passam a ser julgadas.

Será o mercado, que se convencionou chamar de indústria cultural, a instituição a substituir o papel de artistas e intelectuais na definição de gostos e estabelecimento de valores estéticos, o que, em última instância, resultará em um falso cenário de liberdade e pluralismo, onde, simplesmente, um “absolutismo de mercado” substitui a “autoridade à moda antiga”.

Em nome do relativismo valorativo, e à falta de outros critérios de diferenciação (porque o que ruiu foram justamente os fundamentos de valor), opera-se como se o mercado fosse o espaço ideal do pluralismo. (...) O mercado de bens simbólicos não é neutro e, como qualquer outra instituição que o tenha precedido, forma o gosto, institui critérios valorativos e gira sobre o conjunto de capital cultural colonizado até os territórios abertos pelas vanguardas do início do século. (SARLO, 2004, p. 154/155)

Embora tendo sua autoridade relativizada ao lado da dos artistas, intelectuais e especialistas, o jornalismo cultural (também submetido às contingências do mercado) figura entre as instituições que interferem no mecanismo de criação de consensos sobre o valor da arte e, em última instância, sobre o que significa a cultura de uma época. Isso se dá por meio dos critérios de noticiabilidade – responsáveis por determinar “se um acontecimento ou assunto é suscetível de se tornar notícia” (TRAQUINA, 2005, p. 63) – que guiam os cadernos e suplementos temáticos.

Cabe a este artigo esboçar o funcionamento e dinâmica do jornalismo cultural, enquanto instância de difusão e consagração, visto que ambos os mecanismos são obrigatórios para a existência de uma obra no campo artístico e contribuem ora com o reforço da tradição, ora com a revelação de novas perspectivas artísticas.

Várias instituições asseguram a legitimidade do gesto artístico, mas a mediação jornalística torna-se crucial no sistema ao garantir a visibilidade das ofertas, produzir a sedução, criar a necessidade desses objetos e sustentar a palavra dos críticos –

autoridade que afiança a consagração ou a descoberta dos novos.  
(CARDOSO e GOLIN, 2010, p. 194/195)

Nesta etapa da pesquisa, são analisadas 10 edições do suplemento literário *Sabático*, do jornal *O Estado de S. Paulo*, selecionadas entre o período do seu primeiro ano de publicação. O suplemento foi lançado no dia 13 de março de 2010, um dia antes da estreia do novo projeto gráfico do *O Estado de S. Paulo*. Dedicado à cobertura de literatura e do mercado editorial, sua circulação, sempre aos sábados, substituiu o *Cultura*.

Antes da análise, propriamente dita, é importante salientar que o *Sabático* é definido, pela empresa jornalística que o publica, como uma proposta de resgate do *Suplemento Literário*, caderno que circulou pelo mesmo jornal entre as décadas 1950 e 70 e que se tornou modelo de cobertura dedicada à cultura. Intitulado “Caderno resgatará suplemento que marcou época”, texto publicado pelo *Estado*, na ocasião do lançamento do *Sabático*, esclarece a relação entre os dois produtos editoriais.

A criação do *Sabático* serviu também de estímulo para resgatar um pouco do insuperável *Suplemento Literário*, caderno cultural que circulou aos sábados no Estado, entre 6 de outubro de 1956 e 17 de dezembro de 1966. Idealizado por Antonio Candido e dirigido por Décio de Almeida Prado, o ‘Suplemento Literário’ foi uma inovação à época, contando com colaboradores que se tornaram referência em diferentes áreas. Como o crítico Wilson Martins, os ensaístas Paulo Emílio Salles Gomes e Anatol Rosenfeld, o antropólogo Ruy Coelho. Suas páginas foram ponto de encontro dos talentos da geração e revelaram nomes que se consagrariam não só na literatura, mas no cinema, no teatro, na música, nas artes plásticas. Todo sábado, a seção *No Suplemento Literário* vai republicar trechos de importantes artigos e resenhas literárias do caderno que marcou seu tempo e fez história no jornalismo cultural. (O ESTADO DE S. PAULO, 2010, s. p.)

O nascimento do *Suplemento Literário* foi consequência de um período rico e agitado da produção cultural no País, época em que surgiram suplementos literários nos principais grandes jornais diários como o *Jornal do Brasil*, que cria, também em 1956, o *Suplemento Dominical*, quatro anos depois transformado no *Caderno B*. Considerado parâmetro para todos os cadernos culturais que o sucederam, o *Suplemento Literário* configurava-se um espaço de reflexão intelectual e de divulgação de autores novos e consagrados.



O suplemento paulista nascia com a natureza artística, conforme determinava o projeto, cumprindo à risca durante sua existência. Para as questões de natureza jornalística relativas às artes e à cultura, o jornal já tinha uma página especial. O Suplemento Literário se dedicava à crítica, a análise, à reflexão. (LORENZOTTI, 2007, p. 10)

## **2. Valores-notícia e Jornalismo Cultural**

A década de 1980 foi um período de mudanças significativas no percurso do chamado jornalismo cultural brasileiro. À medida que a indústria cultural cresce no Brasil – a indústria fonográfica e o mercado editorial são exemplos – o jornalismo passa a oferecer uma visão simplificada da experiência artística, estética e intelectual. A lógica produtiva passa a priorizar a notícia em detrimento à análise.

Desde o início do século XX até algumas décadas, os suplementos literários tiveram papel importante como espaço de análise e reflexão a respeito da produção artístico-intelectual. Com a consolidação da indústria cultural, o jornalismo vê-se dividido entre este paradigma crítico e a necessidade de ampliação de seus públicos. Como resultado, configura-se, definitivamente, como espaço de tensão entre essas duas demandas.

Visto em suas origens como um espaço autêntico de veiculação de ideias, em especial pelo papel que a crítica literária adquiriu em sua formulação ao longo do tempo, o jornalismo cultural teria perdido suas características em razão de uma decorrência quase lógica da preeminência que o valor de troca imprimiu à produção cultural, passando a incorporar a forma definitiva geral (ainda que não exclusiva) que tudo adquire sob o capitalismo, a forma de mercadoria. (FARO, 2007)

Como tentativa de administrar o talvez principal de seus dilemas, a produção jornalística consolida o modelo dos “segundos cadernos” – que circulam durante a semana, com foco no leitor médio – e os suplementos de final de semana, que pretendem oferecer abordagens mais consistentes e analíticas.

Uma espécie de “artigo de luxo” que nada contra a maré, um destoante permitido dentro do corpo do jornal, os suplementos devem ser vistos – além de como espaço para a crítica - a partir do que a sua produção representa para a imagem de um jornal perante



seus leitores. Cabe a ele, conceder ao jornal o retorno em forma, quase que exclusiva, de prestígio. Prova disso é, por exemplo, o quase inexistente espaço dedicado à publicidade.

Os suplementos literários transmitem uma idéia de livro e de literatura e significam prestígio para os jornais e status para quem trabalha neles. São freqüentes os casos de suplementos literários deficitários, cuja receita de publicidade não chega a cobrir o seu custo. Mas a relação custo-benefício para um jornal, assim como para uma sociedade, não se mede apenas pelo seu valor financeiro. É como se o jornal se valorizasse na valorização do seu leitor. (TRAVANCAS, 2001, p. 36)

Fruto de uma complexa intersecção entre diversos campos – jornalístico, literário e editorial - os cadernos e suplementos culturais constituem-se em território fértil para a análise do discurso jornalístico na contemporaneidade. Sendo o jornalismo umas das instituições responsáveis pela configuração de valor no sistema de arte e cultura, interessa saber de que forma, enquanto instância de difusão e consagração, ele relaciona-se com o campo da produção.

Se pensarmos na teoria dos campos de Pierre Bourdieu (1974), uma obra é produzida, consagrada e “consumida” a partir das correlações de forças existentes no interior desses espaços, marcados por uma relação de interdependência. De acordo com o autor, a tomada de posição de um agente e o seu local de fala no campo estão intimamente relacionados e existiria ainda, entre os agentes de difusão, uma tendência a conservar as hierarquias do campo da produção.

Para Ventura (2009), não se pode refletir sobre os valores-notícia no jornalismo cultural sem levar em conta a posição que os agentes (produtores e intermediários) ocupam na hierarquia da legitimidade cultural. “A hierarquia daquilo que é ou não legítimo influencia a relação que os agentes dos campos de produção, reprodução ou difusão estabelecem entre si e com as diferentes instâncias de legitimação”. (VENTURA, 2009, p. 3)

Resultado de um “amplo jogo e empreendimento social” (Cardoso e Golin, 2010), a produção e difusão cultural estabelecem uma lógica baseada na manutenção do consagrado, do legítimo.

Nessa luta por prestígio, vem à tona um jogo de distinção: o jornalismo toma para si o poder da assinatura de certos artistas e



instituições para legitimar-se; artistas e instituições usam a visibilidade da mídia para dar maior alcance à sua assinatura; e o leitor/espectador busca prestígio ao obter a informação em determinados veículos especializados. (CARDOSO e GOLIN, 2010, p. 195)

Neste ponto, cabe lembrar o argumento de Adorno (1998), que compara os críticos a mercadores:

A crítica cultural lembra geralmente o gesto do comerciante regateador, como no caso do especialista que contesta a autenticidade de um quadro ou o classifica entre as obras menores de um mestre. Despreza-se o objeto para lucrar mais. (ADORNO, 1998, p. 11)

Nina (2007) identifica como indício dessa prática o “esvaziamento das polêmicas” entre os críticos. De acordo com a autora, “é raro ver um crítico, seja ele jornalista ou acadêmico, criando algum tipo de discussão no ambiente intelectual e literário. A crítica está morna e acomodada”. (Nina, 2007, p.37)

Entre as razões está a ausência de parâmetros e valores para a avaliação da produção contemporânea, destituídos pela pós-modernidade. Utilizando os termos cunhados por Bauman (2010), enquanto a modernidade buscava solidificar, a pós-modernidade significa a “solidificação da liquidez”, na qual a mudança é o seu único aspecto permanente e sua única certeza.

Se o “fundir a fim de solidificar” era o paradigma adequado para a compreensão da modernidade em seu estágio anterior, a “perpétua conversão em líquido”, ou o “estado permanente de liquidez”, é o paradigma estabelecido para alcançar e compreender os tempos mais recentes – esses tempos em que nossas vidas estão sendo escritas. (BAUMAN, 2010, p. 12/13)

Sendo assim, a possibilidade de postular a validade de normas estéticas foi destruída e a própria arte em si passa a exibir a ausência de estilo como característica principal.

A arte pós-moderna é notável, por sua ausência de estilo, como uma categoria de obra de arte; por seu caráter deliberadamente eclético, numa estratégia que pode ser bem mais descrita como “colagem” e “pastiche”, ambas as estratégias buscam questionar a própria ideia de estilo, escola, regra, pureza do gênero – tudo

aquilo que sustentava o julgamento crítico na era da arte modernista. (ibid. p. 180)

Como consequência, nenhum movimento nas artes hoje tem condições de contestar possuir mais valor do que outro. Nas palavras de Peter Bürger:

Os movimentos históricos de vanguarda foram incapazes de destruir a arte como instituição; mas eles de fato destruíram a possibilidade de que uma dada escola se apresente com reivindicação de validade universal. (apud. Bauman, 2010, p. 181)

Tudo isso pode nos levar a concluir que a validade de um juízo estético depende do “lugar” de onde ele foi formulado e da autoridade atribuída a esse lugar. Para Ventura (2009), quanto mais à margem de determinado campo situa-se um agente, maior é a possibilidade de que este agente se posicione de maneira não legitimada e, por isso mesmo, menos interdependente em relação às instâncias de difusão e consagração.

Sendo assim, estando à margem, um crítico ou o próprio jornal em si, teria maior predisposição em conceder espaço ao novo, aos movimentos de vanguarda; enquanto que, se está posicionado no centro do campo, sua contribuição é pela manutenção do *status quo*. “(...) sua ação vai se exercer paradoxalmente no sentido da conservação e do reforço das hierarquias mais conhecidas e reconhecidas”, escreve Bourdieu (2007).

Após uma análise preliminar do *Sabático* é possível afirmar que as matérias que ganham a capa do suplemento podem ser distribuídas entre cinco principais categorias. Duas delas, como apontadas pelo título deste artigo, são chamadas aqui de *Reforço da tradição* e *Novas perspectivas* – avaliadas como os dois extremos da abordagem jornalística praticada pelo suplemento.

A primeira é caracterizada, em suma, pela valorização do clássico e daquilo que é legitimado; enquanto a segunda é sinônimo de abertura de espaço para a apresentação de novos formatos e leituras da produção artística. Já entre elas, encontra-se a categoria aqui chamada de *Interseção*, para designar as matérias nas quais, de alguma forma, são estabelecidas relações entre o que é considerado tradição e aquilo que é tido como fenômeno moderno.

Os demais textos selecionados podem ser classificados como *Conceituais*, categoria que inclui as matérias nas quais estão contidas elementos que demonstram posturas editoriais do *Sabático*, tais como sua concepção de cultura e do papel do





jornalista e intelectual; ou enquadram-se na constante *Funcionamento do campo*, representada pelas reportagens que revelam a estrutura e funcionamento do campo artístico;

As 10 edições analisadas foram divididas igualmente entre as cinco categorias de análise propostas por este artigo. Cabe ressaltar que a divisão não é estanque, tendo sido realizada a partir da observação de padrões e de características que mais sobressaem em cada reportagem. O que não exclui o fato de um texto classificado como conceitual não possuir, por exemplo, traços de outras categorias.

O que compartilham os dois exemplares reunidos na classe *Reforço da tradição* é a revisão do legado daqueles que são considerados clássicos, com destaque para a importância de uma herança que não perdeu o seu valor. Caso de *Visões de Foucault* (5 de março de 2011) sobre o lançamento de três estudos que revisam o legado do filósofo francês; e *Uma senhora literatura* (26 de março de 2011), uma reportagem sobre a importância da obra da inglesa Virginia Woolf, passados 70 anos de sua morte.

O “valor” de Woolf, por exemplo, está no fato de que muito do que a autora, assim como James Joyce (compara o texto), introduziu na literatura tornou-se parte do gênero desde então. “Virginia Woolf se estabeleceu, com James Joyce, como uma proeminente modernista, integrando um grupo de escritores que, no início dos anos 1920, reinventou o romance mais ou menos como os impressionistas haviam reinventado a pintura algumas décadas antes”, escreve Michael Cunningham, autor de *As Horas*, inspirado em um dos livros de Woolf. “Todo autor que escreve sobre ‘pessoas comuns’, quer dizer, 99,9% das pessoas, foi influenciada por Woolf e Joyce”, completa o escritor na reportagem.

A princípio na contramão, a chave *Novas perspectivas* inclui *Vidas, modos de usar* (20 de março de 2010) onde se discute o advento de uma nova forma literária, a partir da junção, nas biografias, das personalidades do biógrafo e do biografado; e *Aulas de letras* (3 de abril de 2010) sobre como cursos de Escrita Criativa das universidades norte-americanas têm mudado o perfil da própria literatura do país.

Entre as duas chaves anteriores posicionam-se as reportagens *Arte e angústia* (29 de maio de 2010), que discute o caráter metafísico da produção de Iberê Camargo; e *Faces da (web) poesia* (23 de outubro de 2010), onde são confrontados dois fatos: eventos sobre o uso da internet por novos poetas e o lançamento de uma coletânea com poemas de autores célebres.

Da edição mencionada de maio, merece destaque a forma como é sintetizado o trabalho do pintor gaúcho por uma das legendas presentes na reportagem: “moderno com a releitura da tradição”. A mesma síntese poderia ser usada para designar a proposta do *Sabático*, um produto editorial contemporâneo constituído por meio do resgate do *Suplemento Literário*, por sua vez, um clássico.

Essa ideia é reforçada pelo trecho “o encontro com esses brinquedos de infância revela a densidade do problema formal enfrentado pelo artista, o de erguer uma linguagem moderna a partir da experiência renovada do passado”.

Já *Faces da (web) poesia* propõe a existência de um “diálogo poético entre o clássico e o moderno na web”, principalmente quando – mais do que para fim de divulgação – a tecnologia é usada como plataforma de experimentação estética. Em contrapartida a essa reflexão, o suplemento fala sobre o lançamento da reunião de cem poemas de autores da língua inglesa, feita pelo crítico Harold Bloom.

Por sua vez, *O olhar cúmplice* (10 de julho de 2010) e *Retrato feito à mão* (6 de novembro de 2010) revelam, de forma mais direta, algumas das visões do *Sabático* sobre cultura. Na reportagem da edição de julho sobre o lançamento de “Arte como Experiência”, de John Dewey, por exemplo, tem-se expressa a ideia de que a arte deve ser formadora antes de ser bela.

No livro, o norte-americano ensina como se deve ver um quadro e defende o estético como uma forma enriquecedora da experiência existencial. Podemos concluir que o autor da reportagem compartilha a mesma visão sobre arte do escritor a partir da afirmação “chamem a sua teoria de experimentalista ou instrumentalista, o certo é que ela funciona” ao abordar o poder de transformação de uma obra de arte ao contemplá-la e se deixar contaminar por ela.

Já em *Retrato feito à mão* sobre o lançamento de *A Portrait of Oscar Wilde* – uma edição luxuosa de tiragem limitada com originais de poemas, contos e cartas do escritor irlandês - encontramos a concepção de cultura como artigo destinado a poucos, para fins de distinção.

Embora a reportagem não deixe discorrer sobre o conteúdo da publicação, descreve com riqueza de detalhes sobre o requinte em que foi concebido o livro. “Com o título em prata, a encadernação da Legatoria Rigoldi de Milão vem acondicionada em uma caixa forrada de tecido em tom púrpura de Tiro (...)” lê-se, por exemplo, sobre os 525 exemplares costurados manualmente, sendo apenas 280 deles colocados à venda ao custo de mil reais.



No texto, que qualifica a publicação como “livro de luxo” e “jóia literária”, também é possível encontrar informações sobre a impressão (impresso em papel Fedrigoni Tintoretto na Stamperia Valdonega, em Verona) e sobre a forma como cada exemplar terá o nome do comprador catalogado pela Morgan Library e Museum, proprietária de vários manuscritos de Oscar Wilde (os que compõem o *A Portrait of Oscar Wilde* foram doados à instituição pelo casal Lúcia e Walther Moreira Salles). O resultado é a transformação do livro em si em uma espécie de obra de arte.

Por fim, como exemplos da categoria *Funcionamento do campo* podemos citar *O primeiro livro* (21 de julho de 2010) que traz o dilema enfrentado por autores para publicar sua obra de estréia; e *Valores da Arte* (4 de dezembro de 2010), onde se discute a forma como a ascensão econômica dos países emergentes está mudando a criação contemporânea.

Na primeira, encontram-se reflexões sobre o funcionamento do campo literário, expresso em trechos como “(...) apostas em iniciantes, como no caso dos autores “descobertos” por Paulo Pires”; e no depoimento concedido pelo escritor Antonio Prata: “É importante a recepção que o livro tem quando vem de uma grande. As pessoas olham diferente para um livro da *Companhia das Letras*, por exemplo”.

Em *Valores da Arte* a questão primordial é o funcionamento do campo artístico, a partir da discussão das transformações impostas aos produtores contemporâneos, em função da ascensão econômica dos países emergentes e, conseqüentemente, a ascensão de um novo tipo de colecionador .

“Ninguém, em sã consciência, diria que o artista de hoje é autônomo, pois existe uma relação de dependência entre todos os elos da cadeia, do produtor ao colecionador, passando pelo crítico, o historiador e o galerista”, escreve Paul Mattick em *Arte & Dinheiro*, livro cujo lançamento é o mote da reportagem.

“(...) ninguém quer perder dinheiro apostando num artista errado. Ele dever ser o eleito pelo circuito”, assim Antonio Gonçalves Filho, autor da matéria, sintetiza o debate. Em resumo, as principais questões levantadas por *Valores da Arte* abordam os mecanismos e caminhos para a legitimação descritos por Bourdieu em sua teoria dos campos.

### 3. Sabático: tradição legitimada

Parece-me impossível propor uma análise do *Sabático* que não se atente à questão do resgate proposto pelo suplemento. Em convergência aos recursos adotados pela arte contemporânea – que recorre ao passado diante da incapacidade de representar o real –, o nascimento do *Sabático* trata-se de uma tentativa de recuperação de um modelo de cobertura jornalística que dava conta da complexidade artística.

Sem sucesso na busca por caminhos inéditos e inovadores para a divulgação da produção contemporânea, *O Estado de S. Paulo* recorreu a um formato que teve êxito, já legitimado. Ou ainda, se a própria arte hoje pode significar uma recriação de estilos já existentes, por que não abordá-la, discuti-la e avaliá-la também a partir da reformulação de um modelo anterior?

Não se pode deixar de frisar que os “momentos culturais” vividos pelo *Sabático* e pelo *Suplemento Literário* são muito distintos. Esta análise do *Sabático* nos revela, porém, que, ao contrário do proposto pelo seu antecessor – ser espaço de divulgação de nomes novos e consagrados – o atual suplemento reserva suas páginas, principalmente, à tradição, ao considerado clássico.

Um breve levantamento do decorrer do primeiro ano de circulação do *Sabático* e a análise acima revelam que a maior parte das capas do suplemento, por exemplo, foram estampadas por nomes consagrados como Franz Kafka, Arthur Rimbaud, Gabriel García Marquez, Pablo Picasso e José Saramago, para citar alguns. Entre as palavras mais comuns usadas para adjetivar os artistas e obras divulgadas, encontramos célebre, maior autor, nobel, premiado.

Mesmo nas reportagens listadas e inseridas na categoria *Novas perspectivas*, percebe-se que a advertência da importância daquilo que é clássico faz-se sempre presente. Mesmo quando não é o ponto de partida das reportagens – caso das duas edições da citada chave – a questão não deixa de ser abordada.

Percebe-se que o suplemento considera portador de alguma importância sócio-cultural obras capazes de produzir modelos culturais e ou provocar mudanças duradouras no gênero artístico no qual se inserem. Para o jornalismo cultural praticado pelo *Sabático*, é clássica e detentora de “valor” a produção atemporal, que perdurou, tendo sido capaz de se constituir como referência para o artista contemporâneo.

A concepção gráfica do suplemento também é um elemento que nos remete ao passado. Como Cardoso e Golin (2010) descrevem sobre o *Caderno B*, o *Sabático* não



trata apenas de cultura, mas é em si mesmo um produto cultural, utilizando o projeto gráfico como uma forma de diferenciação discursiva. Neste caso, uma concepção que remete à tradição, com uso excessivo, por exemplo, de ilustrações e fotografias em preto e branco.

Parece ser o tempo, mais precisamente o passar dele, um dos principais instrumentos – para o veículo em questão – capaz de medir o verdadeiro valor da produção artístico-cultural. O que explicaria a tendência do *Sabático* a reforçar a tradição em detrimento da abertura de espaço para o novo.

É possível afirmar ainda que o *Sabático* estaria ligado à separação entre alta cultura e cultura de massa e preso a uma visão de arte datada da modernidade. Enquanto instância de difusão e consagração (não consideraremos aqui seus agentes – críticos, colonistas e repórteres), o suplemento busca o prestígio por meio de nomes incontestáveis no campo cultural. Situado no centro da luta de forças – a medida que, embora novo, trata-se de um produto editorial do consagrado jornal *O Estado de S. Paulo* – o *Sabático* tende a conservar o que já é conhecido e reconhecido.

A adoção dessa postura, porém, traz à tona uma instigante questão: daqui a 50, 100 anos qual será o retrato da arte pós-moderna? O jornalismo cultural, enquanto instância de mediação, é quem contribui com a construção dessa imagem; mas, ao dedicar-se prioritariamente à perpetuação do clássico, sem conceder espaço para o novo, o que, no futuro, saberemos dizer sobre a produção artístico-cultural do nosso tempo?

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Th. **Prismas. Crítica cultural e sociedade.** TRad. Augustin Wernet e Jorge Almeida. São Paulo: Ática, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais.** Renato Aguiar (trad). Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.



CARDOSO, Everton; GOLIN, Cida. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

COZER, Raquel. Faces da (web) poesia. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 23 out. 2010. Sabático, p. S4-S5.

\_\_\_\_\_ O primeiro livro. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 31 jul. 2010. Sabático, p. S4-S5.

CUNNINGHAM, Michael. Uma senhora literatura. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 26 mar. 2011. Sabático, p. S4-S5.

FARO, J. Salvador. **Jornalismo cultural**: informação e crítica, mais que entretenimento. Disponível em: <http://www.metodista.br/poscom>. Acesso em 21/04/10.

FILHO, Antonio Gonçalves. Arte e angústia. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 mai. 2010. Sabático, p. S4-S5.

\_\_\_\_\_ O olhar cúmplice. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 10 jul. 2010. Sabático, p. S3.

\_\_\_\_\_ Retrato feito à mão. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 06 nov. 2010. Sabático, p. S4.

\_\_\_\_\_ Valores da arte. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 04 dez. 2010. Sabático, p. S4.

\_\_\_\_\_ Vidas, modos de usar. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2010. Sabático, p. S4.

\_\_\_\_\_ Visões de Foucault. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 05 mar. 2011. Sabático, p. S3.

GUIMARÃES, Lúcia. Aula de letras. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 03 abr. 2010. Sabático, p. S3.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário, que falta ele faz!**: 1956 – 1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.



NINA, Cláudia. **Literatura nos jornais** – a crítica literária dos rodapés às resenhas. São Paulo: Summus, 2007.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna:** intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Sérgio Alcides (trad.). 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal** – os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

VENTURA, Mauro Souza. **Posicionamento e lugar dos agentes na crítica cultural:** um estudo sobre a relação entre valores-notícia e hierarquia das legitimidades. Rumores (USP), v. 6, 2009.